



LITERATURA INFANTOJUVENIL

Prof^a Dra. Regina Chicoski

G. Doré

P. PINNEMAKER

Caros alunos,

Esse ebook é um pdf interativo. Para conseguir acessar todos os seus recursos, é recomendada a utilização do programa Adobe Reader 11.

Caso não tenha o programa instalado em seu computador, segue o link para download:

<http://get.adobe.com/br/reader/>

Para conseguir acessar os outros materiais como vídeos e sites, é necessário também a conexão com a internet.

O menu interativo leva-os aos diversos capítulos desse ebook, enquanto as setas laterais podem lhe redirecionar ao índice ou às páginas anteriores e posteriores.

Nesse *pdf*, o professor da disciplina, através de textos próprios ou de outros autores, tece comentários, disponibiliza links, vídeos e outros materiais que complementarão o seu estudo.

Para acessar esse material e utilizar o arquivo de maneira completa, explore seus elementos, clicando em botões como flechas, linhas, caixas de texto, círculos, palavras em destaque e descubra, através dessa interação, que o conhecimento está disponível nas mais diversas ferramentas.

Boa leitura!

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO

Caros acadêmicos do curso de Pedagogia da Unicentro,
Bem vindos à Literatura Infantojuvenil

Era uma vez... ou melhor, eram duas, eram três...

Não dizem que quem conta um conto aumenta um ponto?

No princípio não era o verbo?

Olhos vidrados, respiração ofegante, gargalhada espontânea, corpo hipnotizado, como não se encantar com a fisionomia de uma criança enquanto ela ouve uma história!

O poder que as histórias exercem no ser humano é milenar. Podemos não lembrar daquilo que comemos ontem, mas lembramos de uma história inteira que ouvimos quando éramos crianças, contada pelo pai, mãe, avós ou professor. Histórias essas que foram passadas de geração a geração, via oralidade, e somente muito mais tarde passaram para a forma escrita, materializando-se como livro.

Os primeiros livros de histórias foram publicados em coletâneas, sem ilustrações. Com a expansão das escolas no Brasil, a popularização do livro foi eminente. Editoras viram aí um filão de mercado interessantíssimo e a publicação visando ao público infantil cresce ano a ano. As edições de hoje são muito diferentes das do passado, a tecnologia contribui para que os livros se apresentem visualmente encantadores. O que se vê hoje é uma avalanche de obras chegando ao mercado. Impossível para a crítica se posicionar a respeito de tudo, pois dos anos 1970 em diante houve um boom da Literatura destinada à criança e nesse oportunismo mercantil, muitos textos, sem especificidades literárias, usufruem dessa categoria chamada arte da palavra, ou seja, Literatura, sem de fato se enquadrar nessa categoria. Precisamos saber separar o joio do trigo.

É necessário levar em conta que é função da escola formar cidadãos críticos, leitores assíduos de todo e qualquer tipo de texto. Culturalmente o brasileiro lê pouco se comparado a outros países do mesmo nível econômico. Nesse sentido, a escola não pode se eximir de sua responsabilidade em tentar mudar esse quadro. Um dos caminhos que podem facilitar a travessia é via texto literário. A arte da palavra, aliada a uma metodologia eficiente, pode contribuir para a formação de leitores. Quanto antes o processo de formação do leitor iniciar, melhor. A Literatura Infantil está aí, vasta, disponível, basta que seja apresentada, promovida de forma lúdica, motivante, encantadora aos leitores em formação.

*“O livro é aquele brinquedo,
Por incrível que pareça,
Que, entre um mistério e um segredo,
Põe ideias na cabeça”*

Maria Dinorah

UNIDADE 1 - A ARTE DE CONTAR HISTÓRIAS

“Não acredito que ninguém ensine outra pessoa a ler literatura. Pelo contrário, estou convencida, isso sim, de que o que uma pessoa passa para outra é a revelação de um segredo – o amor pela literatura. Mais uma contaminação do que um ensino”.

Ana Maria Machado

Com a palavra, o autor!

Quando lemos um livro, fica a curiosidade: quem escreveu a obra? Ainda está vivo? De que país é? Quem ilustrou? Como será que nasceu a obra? Essas e outras indagações podem ser supridas pela palavra do renomado escritor Ziraldo. Ele fala sobre o trabalho do escritor, como nasce um livro, como ocorre o processo de criação, no vídeo Ler é mais importante que estudar - Parte I e II.

Assista a esse vídeo:

Celso Sisto no artigo A arte de contar histórias e sua importância no desenvolvimento infantil faz uma reflexão interessante sobre a importância de contar histórias para crianças.

Leia o artigo:

UNIDADE 2 - CONTOS DE FADAS

“Literatura é isso, um texto com face oculta, fundo falso, passagens secretas, um texto com tesouro escondido que cada leitor encontra em lugar diferente e que para cada leitor é outro”.

Marina Colasanti

Temos muitas razões para ler os contos de fadas, pois essas narrativas milenares ensinam a criança a lidar com seus conflitos, passam valores que ajudam na formação da personalidade, distinguem claramente o bem do mal evidenciando que o mal não compensa e de alguma forma preparam os seres humanos para a vida.

É importante ler os contos editados muito antes da massificação dos meios de comunicação. Adaptações para o cinema reduziram muito as histórias, deixando-as resumidas e por consequência elas perderam a força que as mantiveram viva na cultura oral. As editoras, na ânsia de popularizar o livro, comercializá-lo a um baixo valor, resumiram ao máximo, tornando essas histórias milenares insípidas, desinteressantes, fracas, sem efeitos na construção de sentidos.

Imagem produzida por Gustave Doré

Para lembrar o conhecido conto *João e o pé-de-feijão*, leia a versão dos Irmãos Grimm:

Assista à entrevista concedida por Karin Volobuef falando sobre o dinamarquês Hans Christian Andersen, responsável por coletar e passar para a escrita muitos contos da cultura oral.

E na atualidade, contos de fadas continuam sendo produzidos?

Tomamos aqui como exemplo a escritora Marina Colasanti, vencedora do Prêmio Jabuti, por três vezes, com as obras *Eu sei mas não devia* (1992), *Rota de colisão* (1993) e *Ana Z. aonde vai você* (1999), considerada o maior nome na produção de contos de fadas na atualidade.

A voz de suas narrativas é sempre feminina e elementos antigos e modernos entrelaçam-se, bem como aspectos fantásticos e mitológicos segundo CECCANTINI (2004, p, 163).

O conto “A moça tecelã” foi publicado no livro intitulado *Um espinho de marfim e outras histórias*. Esse conto foi reeditado como um livro ilustrado em 2004 pela Global. Ilustração: Bordados de Ângela, Antônia Zulma, Marilu, Marta e Sávia Dumont sobre os desenhos de Demóstenes Vargas.

Leia o livro *A moça tecelã*. Caso não tenha o material impresso, esse conto está disponível no link:

O conto propõe um repensar a postura feminina com base na transgressão dos costumes.

Conto de fadas moderno: dividido em três blocos: valor de perfeição, de completude e de **frustração seguida de tomada de decisão** (clique em cada um deles para visualizar).

Esse conto vai muito além da magia, pois reflete uma perspectiva atual, em que há uma mulher que tem controle sobre si mesma e sobre seu cotidiano e age conforme sua vontade. Por um tempo nega sua essência colocando-se a serviço do outro, depois retoma o controle da situação e por consequência reassume sua identidade. Diferente dos contos de fadas clássicos, a mulher decide o que é melhor para si. Se o casamento não lhe trouxe felicidade, por que continuar nele?

UNIDADE 3 - DISCURSO LITERÁRIO

“Para isso é que o escritor foi feito. Para mostrar a realidade sob um novo ângulo, para criticar o que se passa por toda parte e para não dar solução a coisa nenhuma e, sobretudo, para não dar conselhos. Cada um que encontre a sua verdade sozinho”

Ruth Rocha

A fim de esclarecer melhor o conceito de discurso literário tomamos por base a teoria de Edmir Perrotti, na obra *O texto sedutor na literatura infantil* (1986). O autor considera que até 1970 predominava na literatura para crianças o discurso utilitário. Segundo Perrotti: “A ‘condição de colônia’ criava um ambiente propício para a assimilação do conceito utilitário da literatura para crianças, para a mesclagem da literatura à pedagogia, para o seu alargamento entre nós.” (PERROTTI, 1986, p. 60).

Essa concepção de literatura, segundo Lajolo (1982), é vista como um problema, porque geralmente a literatura apresentada nas escolas é sempre categórica, ou seja, é utilizada simplesmente para fins didáticos e serve-se do literário para atender outras finalidades que não a estética. Sendo assim, “[...] essa concepção de literatura repete-se como se fosse um longo rosário de ordens, comandos e proibições.” (PERROTTI, 1986, p. 59).

Diante disso, cabe salientar que, segundo Perrotti (1986), o problema desse tipo de literatura não está em sua utilização enquanto instrumento de educação do leitor, mas sim, em privilegiar somente esse objetivo, conforme pode ser observado a seguir:

É evidente que a literatura pode e deve ser também uma disciplina, e que, sob a forma didática, ofereça manancial para exercícios escolares. Mas a obra de literatura infantil não pode visar a esse objetivo de modo primacial ou direto. (PERROTTI, 1986, p. 71).

Observa-se, portanto, que o discurso utilitário obedece a razões externas ao próprio discurso, pode-se dizer que se organiza para agir sobre o leitor. Desse modo, esse tipo de discurso tem como função oferecer aos seus leitores atitudes e padrões de conduta que devem ser seguidos. Desta forma, confirma Perrotti:

A literatura para crianças e jovens constitui-se, assim, em um discurso que não busca a realidade, mas a verdade. E, se o discurso busca a verdade, o escritor enquanto depositário desta, julga-se no dever e no direito de conduzir a narrativa a fim de incorporá-la ao espírito do leitor. (PERROTTI, 1986, p. 39).

O discurso, acima citado, tem apenas uma finalidade, a de dirigir ao leitor aquilo que o autor atribui em sua obra. Sendo assim, esse tipo de literatura não abre espaço para o leitor se posicionar frente ao discurso presente nas malhas do texto.

Em um estudo feito por Lourenço Filho, a pedido da Academia Brasileira de Letras, em 1943, sobre a literatura brasileira para crianças e adultos, o pesquisador apresenta o seguinte:

A 'função primeira' da obra literária para as crianças, como no adulto deve ser objeto de 'contemplação' ou de função estética, para o deleite do espírito, fonte de sugestão, recreação, ou evasão e catarsis. [...] Se a literatura infantil não é didática, a finalidade da literatura para crianças ou adultos somente poderá ser arte, ou seja, exprimir o belo. A Literatura Infantil, propriamente dita será pois, antes de tudo expressão de arte, ou já não será literatura. (Apud PERROTTI, 1986, p. 71).

Se a literatura para crianças e jovens é aceita como recurso meramente educativo não é considerada como verdadeiramente literária. A estética é condição imposta à literatura para

crianças e adultos, levando em conta o seu público, como faria qualquer obra artística. Isto não quer dizer que a obra está subordinada ao autor, mas a possibilidade de comunicação que poderá variar em função do que o escritor entenda quem é o seu público. Assim, a invenção estética é uma condição exigida da literatura e que abre espaço para instituição de uma nova tendência discursiva na literatura brasileira: a do discurso estético.

O discurso estético difere do discurso utilitário, porque além de oferecer concepções de mundo, cria meios de participação para que o leitor tome suas conclusões e decisões frente aos problemas tratados. Não é autoritário e participa com o leitor na apresentação do texto, este movimento é essencial nas mudanças de produção cultural que se dirige à criança. “A leitura estética deve, portanto, ser introduzida como objeto cultural no universo crítico do receptor, por ser a Estética uma das formas mais altas de recepção textual.” (TREVIZAN, 1998, p. 80).

De acordo com Perrotti:

Se o discurso utilitário ajustou-se às expectativas de ‘ordenação metódica’ da burguesia, era de se esperar que autores da nova literatura questionassem tal atitude também ao nível da organização do discurso, uma vez que questionaram sempre os valores que sustentam tal ordem: sexismo, preconceito racial, etnocentrismo, antropocentrismo, vida afetiva meramente formal, saber como instrumento do poder, individualismo, etc. Todavia, não foi isso, muitas vezes, o que se viu. Ao contrário, foi comum, ao nível do discursivo, o uso do discurso utilitário como modelo do ‘utilitarismo às avessas’. (1986, p. 117).

O discurso utilitário às avessas, ainda que modernizando os conteúdos, não passa de um discurso normativo que visa ensinar ao leitor, muitas vezes, o certo ou errado como sempre ocorrera na tradição. No utilitarismo às avessas, o escritor também pretende ordenar o mundo para o leitor, mesmo que sob moldes diferentes. Ou seja, defende outros valores, como por exemplo, de um lado, afirma valores como liberdade de expressão, individualidade e respeito ao leitor, por outro lado, constitui-se ele mesmo em exercício de poder sobre o leitor, visto que procura instaurar condutas e padrões a serem seguidos. Além disso, ao contrário do discurso tradicional, esse discurso abre brechas para o leitor se posicionar perante as malhas do texto,

porém, procura convencer o leitor de determinado ponto de vista do autor, não deixando, desta forma, o receptor livre para se posicionar e interpretar o que lê, como ocorre no discurso estético.

Apesar dos avanços que ocorreram na produção literária para infância, no Brasil, muitas vezes, a literatura é usada como forma educativa, isto é, existe ainda uma excessiva preocupação pedagógica em aplicar textos literários visando somente o ensino didático, sem se preocupar com a qualidade do texto. Isso ocorre tanto por parte dos educadores como também por parte de muitos autores que têm uma preocupação em passar um ensinamento, uma mensagem para o infante. Trevisan afirma que: “[...] é lamentável, mas a seleção de textos, na escola, pautada pelo nível meramente linguístico mais especificamente, diríamos, vocabular, acaba por revelar um ensino equivocado e extremamente reducionista.” (TREVIZAN, 1998, p. 78).

Durante muito tempo os textos literários, destinados para crianças e jovens, eram entendidos como objeto privilegiado de transmissão de valores, principalmente, os morais. Porém, ainda hoje, a literatura para esse público desempenha um papel pedagógico e o texto literário serve de complementação do trabalho escolar, utilizado como recurso didático. Sendo assim, “[...] somente quando a literatura para crianças e jovens abandonar o utilitarismo é que podemos ver nascer uma tendência que se quer comprometida prioritariamente com a Arte e não com a Pedagogia.” (PERROTTI, 1986, p.14).

Houve tentativas de mudanças com autores dos anos 70, porém, em muitos momentos, o peso da tradição foi maior que o desejo de renovação, mesmo em autores que estavam realmente empenhados em renovar. Desta forma, a literatura para crianças passa a ter um discurso utilitário às avessas. Mesmo tendo um posicionamento diferente da literatura tradicionalista, que sempre ofereceu para as crianças e jovens atitudes e padrões morais, esse tipo de discurso (utilitário às avessas) também atua sobre o leitor, porém de maneira menos fechada. No caso da Literatura Infantil, produzida por Ruth Rocha, por exemplo, obras como: Pra vencer certas pessoas (2005) e Rubens, o semeador (2004), o que se busca é a criticidade, e o discurso, presente nessas obras, é utilitário às avessas, pois a autora, mesmo de forma disfarçada, não tendo um discurso explícito

como na Literatura utilitária, também passa ensinamentos, ideologias e exhibe ao leitor o modelo de criança criativa, ativa, de comportamentos divergentes e não conformista, isto é, mostrar que a criança tem capacidade para interpretar e captar as entrelinhas do texto.

Segundo Perrotti (1986), se autores importantes sucumbiram, muitas vezes, ao modelo narrativo tradicional - e continuam sucumbindo - isso mostra as dificuldades por que passa toda a tentativa de renovação na área da cultura, sobretudo, quando esta ocorre de forma um tanto aleatória, como é o caso da renovação da literatura para crianças e jovens em nosso país. Desse modo, o que se observa é que o utilitarismo, na literatura, ainda segue suas origens e, mesmo tendo adquirido variadas formas, ao longo do tempo, ele ainda se faz presente em muitas obras. Pode-se dizer que a literatura educativa não desaparecerá tão cedo, mantendo, assim, a tradição pedagógica.

Numa tentativa de sintetizar os conceitos de discurso literário proposto por PERROTTI (1986), podemos dizer que: (clique para revelar)

UNIDADE 4 - ILUSTRAÇÃO NA LITERATURA INFANTIL

*“Uma imagem tem o valor de mil palavras;
uma palavra tem o valor de mil imagens.”*

Valêncio Xavier

Fascinados pela cultura da imagem, adultos e, principalmente, as crianças sentem prazer ao ver uma ilustração, pois somos predominantemente visuais. Traços e cores suscitam o imaginário, aguçam a criatividade, são um deleite para os olhos. No contexto da literatura infantil, para que serve uma ilustração? Luís Camargo responde dizendo que:

Como toda imagem, a ilustração pode representar, descrever, narrar, simbolizar, expressar, chamar atenção para sua configuração visual ou seu suporte, para a linguagem visual, incentivar o jogo, procurar interferir no comportamento, nos valores e nas atitudes do observador, além de pontuar o texto que acompanha, isto é, destacar seu início e seu fim, ou chamar atenção para elementos do texto.

Como são feitas as ilustrações nos livros infantis?

O programa Repensar trabalhou com o tema Ilustração de livros infantis, mostrando o processo criativo. Assista ao documentário:

UNIDADE 5 - POESIA INFANTIL

*A poesia é uma pulga,
coça, coça, me chateia,
entrou por dentro da meia,
saiu por fora da orelha,
faz zumbido de abelha,
mexe, mexe, não se cansa,
nas palavras se balança,
fala, fala, não se cala,
a poesia é uma pulga,
de pular não tem receio,
adora pular na escola...
Só na hora do recreio!*

Sylvia Orthof

Zizi Trevizan tem uma publicação interessante na forma de livro chamada Poesia e Ensino: antologia comentada, que discute como ler poemas destinados à crianças. A autora seleciona e comenta textos que contemplam a valorização intelectual do leitor iniciante pelo viés lúdico, mágico, conduzindo-o de modo gradativo à inserção crítica.

Esse livro certamente proporcionará um maior aprofundamento do tema poesia infantil.

Dentre os inúmeros poetas brasileiros que optaram em escrever visando ao público infantil, selecionei Vinicius de Moraes - grande nome da literatura. Nasce no Rio de Janeiro em 1913 e morre em 1980 também no Rio de Janeiro. Foi diplomata, dramaturgo, jornalista, poeta e compositor. De sua vasta produção artística ressalto aqui a obra A arca de Nóe que encantou e continua encantando gerações de crianças. Quem não se lembra dos poemas musicados "A casa", "O pato", "A corujinha" e tantos outros inesquecíveis!

Delicie-se com os textos de *A arca de Noé*:

Ouçã o poema musicado "*O pato*" de Vinicius de Moraes:

Ouçã o poema musicado "*A Corujinha*" de Vinicius de Moraes na voz de Elis Regina:

UNIDADE 6 - TEATRO INFANTIL

Apesar de muito antiga, a arte dramática tem dificuldade de se propagar pelos quatro cantos do país. Poucos atores conseguem viver dessa profissão. Os bens sucedidos atuaram ou atuam no cinema e na TV e fazem teatro por uma identificação muito grande com a arte e para terem a oportunidade de estar perto do público. A maioria dos atores faz teatro sem remuneração, pelo prazer de representar.

Se no contexto nacional, nos grandes centros as dificuldades são inúmeras, o que dizer das cidades interioranas! Sabemos que a maioria da população nunca assistiu a uma peça feita por profissionais, nem mesmo leu um texto dramático. Se compararmos entre os textos narrativos, os poéticos e os dramáticos, em circulação nas livrarias e bibliotecas, os dramáticos ocupam a última posição.

Precisamos mudar essa realidade. Um dos caminhos é apostar no teatro escolar, propiciar atividades que permitam aos alunos ter contato com textos dramáticos, que dramatizem, que saiam das carteiras, que se expressem corporalmente. O objetivo do teatro na escola não é o de formação do ator, mas o de formação do ser humano. Também “[...] é o aprofundamento do conhecimento de si mesmo; percepção e conhecimento dos outros e desenvolvimento da capacidade de comunicação de conhecimentos.” (LEITE, 1980, p. 15).

A atividade de teatro na escola começa por meio do lúdico, do jogo dramático que tem por base a improvisação. Ele consiste em uma brincadeira conduzida que provoca idéias que serão vividas em uma história criada coletivamente.

A linguagem do teatro para criança deve ser fácil, acessível, compreensível, mas isso não quer dizer que se deva simplesmente encher a peça de bordões, gírias e piadas conhecidas. Pode-se usar algumas palavras diferentes, novas, enriquecendo a narrativa.

Para Slade (1978, p. 17), “[...] jogo dramático infantil é uma forma de arte por direito próprio; não é uma atividade inventada por alguém, mas sim o comportamento real dos seres humanos. O jogo dramático é um exercício poético de e para liberdade.”

Quando nos expomos ao jogo dramático, compreendemos que é uma manifestação espontânea de nossa potencialidade de comunicação.

É comum nas brincadeiras infantis o fazer de conta e, nesse aspecto, as crianças são verdadeiros artistas. Conseguem acreditar ou pelo menos fingem acreditar no momento da brincadeira.

Peter Slade afirma que jogo não é teatro. Para ele o jogo dramático “[...] não é uma atividade de ócio, mas antes a maneira da criança pensar, comprovar, relaxar, trabalhar, lembrar, ousar, experimentar, criar e absorver. O jogo na verdade é a vida.” (SLADE, 1978, p. 17-18)

Para Reverbel (1989) o jogo dramático aplicado na sala de aula é um estímulo indispensável ao desenvolvimento das capacidades de expressão da criança. Realizando jogos dramáticos, a criança se diverte e libera espontaneamente suas fantasias e seus fantasmas interiores. Ao contrário do ator que finge ser a personagem, a criança é a personagem que imita ou inventa.

Por isso, os educadores precisam oportunizar às crianças o fazer teatral, que assistam aos colegas dramatizando. Os resultados positivos são visíveis em todas as áreas e o rendimento escolar é outro.

Para melhor compreender como trabalhar teatro na escola, assista ao vídeo *Como fazer teatro com crianças e para crianças*, com Miléni Lúcia, atriz e diretora de teatro:

UNIDADE 7 - HISTÓRIAS EM QUADRINHOS

Essa modalidade textual já gerou muita polêmica na sociedade. Considerada subgênero, ou gênero inferior, proibida no meio escolar por considerar que atrapalhava os estudantes, hoje é incentivada, reconhecida e vemos uma expansão das HQs, como são conhecidas as histórias em quadrinhos, no mercado.

Veja os slides sobre HQ's

No vídeo *Quadrinhos em aula?*, Waldomiro Vergueiro fala de alternativas na escola - Pocket News



L&PM WebTV. Nesse curto vídeo você terá uma noção de como as histórias em quadrinho podem contribuir na formação do leitor.

Muitas obras clássicas da literatura são adaptadas para esse gênero textual e atraem, cada vez mais a atenção do público leitor. Independente da polêmica se HQs são literatura ou não, nosso olhar aqui recai sobre como essa modalidade textual contribui para a formação do leitor.

Assista ao vídeo [Quadrinhos em aula?](#)

[O que são quadrinhos?](#) é outro vídeo interessante que dá uma boa noção de como as histórias são criadas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CECCANTINI, J. L. C. T. (org.) Leitura e literatura infanto-juvenil: memória de Gramado. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2004.

COLASANTI, Marina. A moça tecelã. Disponível em: http://www.releituras.com/i_ana_mcolasanti.asp acesso em 17/05/2016.

CAMARGO, Luís. Ilustração em livros de literatura infantil. Glossário Ceale. Disponível em <http://www.ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/verbetes/ilustracao-em-livros-de-literatura-infantil> acesso em 10/03/2017.

LAJOLO, Marisa Philbert. Usos e abusos da literatura na escola: Bilac e a literatura escolar na República Velha. Rio de Janeiro: Globo, 1982.

LEITE, Luiza Barreto. O teatro na educação artística. Rio de Janeiro: Achiamé, 1980.

MAICZUK, Janete de Lurdes Floriano. Cinco obras, um discurso: Ruth Rocha e o discurso utilitário às avessas. TCC orientado por CHICOSKI, Regina. Unicentro, 2007.

PERROTTI, Edmir. O texto sedutor na literatura infantil. São Paulo, Ícone, 1986.

REVERBEL, Olga. Um caminho do teatro na escola. São Paulo: Scipione, 1989.

SISTO, Celso. A arte de contar histórias e sua importância no desenvolvimento infantil. Disponível em <http://www.artistasgauchos.com.br/celso/ensaios/arteconthist.pdf> acesso em 15/03/2017.

SLADE, Peter. O jogo dramático infantil (1978), Apud RESENDE, Vânia Maria. Literatura infantil e juvenil. São Paulo: Saraiva, 1993.

TREVIZAN, Zizi. Nas malhas do texto: escola, literatura, cinema. São Paulo: Clíper, 1998.